

N<sup>o</sup> 386

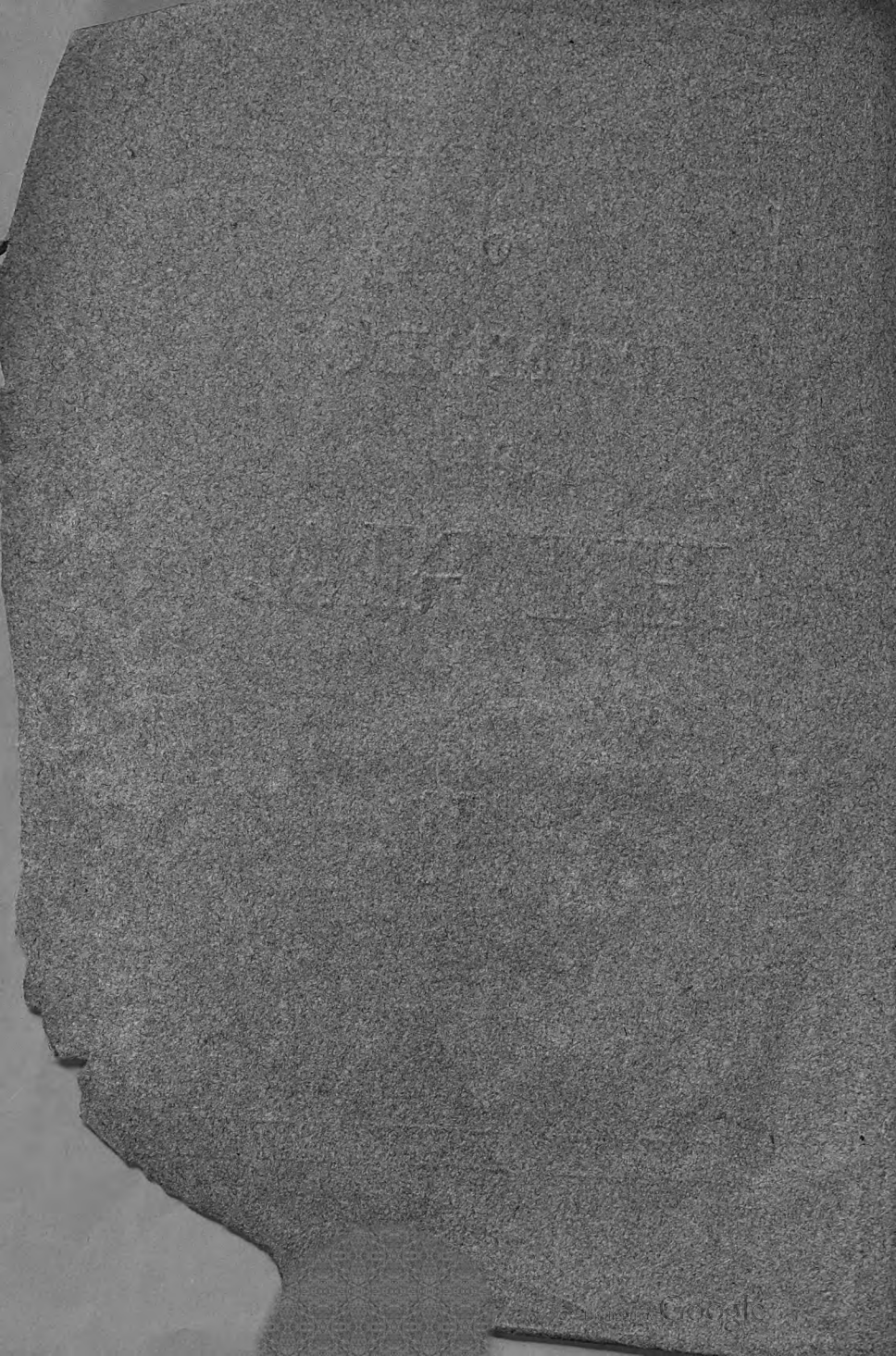
11474

©

TEMPLO  
DE  
HYGIA.



bbb 49



+

11474. 656 2

**O TEMPLO**  
 DE  
**H Y G I A**  
 OU  
**A SAUDE PUBLICA.**  
 INFLUIDA PELOS GOVERNOS.

---

**POEMA**

*Hygienia.*  
 K

COMPOSTO E OFFERECIDO  
**A SEUS CONCIDADAOS.**

PELO AUCTOR

DO TRIUMPHO DA NATUREZA  
 DAS JEREMIADAS, &c. &c.




---

Typographia Lisbonense : 1837. A. C. Dias. Largo de S. Roque num. 12.

GOVERNMENT OF

INDIA

SECRET

CONFIDENTIAL



# O TEMPLO DE HYGIA

## A SAUDE PUBLICA

### INFLUIDA PELOS GOVERNOS.

L'hygiene des peuples doit être le plus grand  
Soin d'un gouvernement sage.

*Politique naturel*

**N**os quicios d'ouro as bronzeas portas rangem,  
E o templo se abre consagrado ao Numen  
Custodio da Saude — Eis já patente  
O venerando, excelso Sanctuario,  
Que de seus mais reconditos arcanos  
Nenhum veda a meus olhos — Corro ás aras,  
A Deusa me apresento; e com profundo  
E nobre acatamento assim supplico,  
Celeste Hygia, da saude Guardã,  
Que não só a mantens, mas que a restauras,  
Escuta os votos meus, teu sacro influxo  
A mim, e ao meu paiz benigna outhorga;  
Sacerdote das Musas, pois que Vate  
E's tambem meu Ministro; me responde  
A voz do Santuario — Eu te concedo  
O que tu pedes justo — Ouve, e publica

A Luz o feto humano avido busca  
 As lactaes ondas do materno seio,  
 D'alli succa de vida os elementos  
 Ao liquido exhibido assas conformes,  
 Se he fraco, e mesmo extranho a força altera  
 Da torrente vital,—D'aqui procede  
 Caterva infausta de futuros males,  
 Que ás mãos da Therapeia resestindo  
 Arrastão á miseria a prole humana.

Mães desabridas, que insensata pompa  
 Falso melindre, ou ruda indifferença  
 Vos arranca do seio a infancia debil,  
 Que a mãos extranhas entregais inermes,  
 Sabei, que assim ficaes não só privadas  
 Do são prazer de procrear hum filho,  
 Mas extinguis o amor, e aquelle affago,  
 Que exhibe a mãe, que o seu filhinho nutre.

Tagides bellas, Lisbonenses damas,  
 Eu me dirijo a vós, não por taxar-vos  
 De falta de ternura — Se de Hygia  
 Faltaes ao melhor culto, aos Ceos mais grata  
 Ao doce emprego de crear hum filho,  
 Culpa vossã não he, culpa he dos vossos  
 Avós, que a yossa tempra amollecerão  
 De hum cego Luxo pelo falso encanto,—  
 Com pezar vo-lo digo — Esse desastre  
 Inda tem de ser vosso athé que apague  
 A mão potente d'hum governo sabio  
 Da vossa capital despejo immundo,  
 Os vicios da penuria, e da impureza.

Findada a Lactação. — De outros cuidados  
 Não menos graves he credora a infancia.

Não deve o corpo tento alimentar-se  
 Com substancias, que analogas não sejam o corpo  
 Ao sustento primeiro, que houve facil  
 Digestivel, e leve; nem ser posto  
 Com rudes faxas em continuo aperto,  
 Que o force a contrahilo, ou deturpato,  
 Mas quando alle de rastos se entaminhe

Ou busque levantar-se, então com cintas  
 Que dos lados lhe peguem, cumpra erguelo  
 E sustentar-lhe os mal seguros passos  
 Para que ao proprio pezo elle não vergue  
 E curve as pernas por só levado.  
 Cumpra tambem movelo, e sacudilo  
 Em braços serviçaes verticalmente  
 Para deenvolver-lhe os tenros membros.

Crescido: e já senhor dos movimentos  
 Voluntarios, que exerce agora o joven  
 Vestidos deve ter dezafogados  
 E propios da estação. — Basta ligeira  
 Compressa ao torno do ventre a deprimilo  
 Convem, que se desterre o fatal uzó  
 Das fortes ligaçõens: com que a cintura  
 O bello sexo sobre tudo aperta,  
 Julgando a sua pequenez belleza  
 Mas no excesso defeito, e prejuizo.

A prola humana para o fim, que nasce  
 Para saude ter, e alegre vida  
 Deve saber, que dar-lhe isto só podem  
 Por condição, e escolha salutaes  
 Ar, alimento, habitação, e emprego.

A Natureza pròvida cercando  
 D'aereas massas o terraqueo Globo

A atmospherã creou , dentro em que vive o ser  
 Todo o ser , que respira , e que o sustenta  
 Seu primeiro vital deriva d'ella,  
 Por-isso o requer puro a estirpe humana  
 Puro o ar sempre foi, que a terra envolve  
 Circumstancias locaes somente o alterão

Dormentes charcos , putridas lagoas  
 Pela acção do calor lanção miasmas,  
 Que a chusma trazem das febrile molestias  
 Ferox de seus paues surge raivando  
 A encoberta Seção, e o fúo, o fogo  
 Voando solta das vampireas azas  
 Assim do Tejo as margens paludosas  
 De vegetaes destroços atulhadas  
 O matador Azote escapar deixão,  
 Que das febres em torno accende a raiva,

Tambem de secca area extensos plainos  
 A pureza dos ares contaminão  
 Com terrestres vapores suffocantes,  
 Que a morte espalhão pela humana gente  
 Assim do Mokátan, que o cimo agreste  
 Ergue escaldado de areas no meio  
 O fervido Syrocco se arremaça  
 Revolve em turbilhão montes de area,  
 Que no dezerto Arabico levanta  
 Em moventes columnas . com que enterra  
 As vagas caravanas , que alli passão;  
 E correndo do Nilo ás fertéis margens  
 Murcha as plantas , as arvores desseca  
 E c'o halito infecto despovoa  
 Do seco Egypto as lugubres cidades,

Fugir á raiva dos fegozos Euros



Só dos Lares se põe na clausura,  
 Ou na sombra, que as agoas humedecem.  
 Os rijos Aquiloens, que a pedra, a chuva,  
 Em torrentes espalhão pelo campo,  
 Que as arvores arrancão, gados prostrão,  
 E do turbido inverno o rosto afeião,  
 Também a humana condição peorão.  
 Por isso he necessario algum conforto  
 Ao morador do campo, em pobre choça,  
 Na estação rigorosa— Oh vós tranquillos,  
 Oh fartos habitantes das cidades,  
 Vós deveis á nudez, ao frio, á fome,  
 Do pobre conto, miserá palhoça,  
 O preciso reparo, o mutuo esforço,  
 Da mutua prestação. Troca por troca,  
 O tosco Camponez cavando a terra,  
 Vossos bens acrescenta. Dai-lhe abrigo,  
 Quando o tolhe ao trabalho a Tampesta de inverno,  
 Quando das privaçoens soffrê a rudeza,  
 Se vos não move a *sympathia humana*,  
 De Hygia o culto vos persuade ao menos,  
 Vehiculo da Peste, e das doenças  
 Contagiosas, das Epidemias,  
 He sem duvida o ar; mas taes flagellos,  
 Que mais que a bruta a raça humana attacão,  
 Que podem remover-se, ou mitigar-se,  
 Aos filhos d'Esculapio entregues fição.  
 Pela propria attenção, e experiencia  
 Sua origem, character, seu remedio  
 Podem so conhecer-se, e não por cópias  
 D'empyricos escriptos, de tractados  
 De ignaros charlataens, narraçoens vagas

Sem base, sem criterio, e sem doutrina.

Mudo corréio o ar, que nos aviza  
Da existencia do putrido cadaver,  
De fetidas substancias, de immundicies,  
Nos ordena tambem passar com pressa  
Da atmospherá corrupta; ou viciada.  
Mas se d'hum lado tedio nos promove  
D'outra parte prazeres nos fornece,  
Conduzindo as suavissimas fragrancias  
Das balsamicas plantas florecentes  
Que os sentidos alentão, que os refrescáo,  
Aromas tão somente, que o principio  
Tem acidificante. Exemplo. — O cravo  
Das flores rei; sua rainha a Roza  
E do norte o Alecrim; mas não dos cheiros  
Em que vem disfarçado o Gaz nocivo  
Productor do hysterismo, e cephalgia.  
Qual jasmim, Mangerona, ou Bergamota,  
Alfazema, ou Pastilhas odorantes.

Damas Francezas, desterrai perfumes  
Que tão caros vendeis á insania alheia;  
Do Tejo as Nynphas têm do patriotismo  
Os crystaes, que banhar seus membros devem.  
De vossos arrebiques não carecem  
Para a cultura das nativas graças.

Transparente oceano, ar, que rodeas  
Este terraqueo globo, e circumscreves  
A esphera d'Attracção, que constitues  
Da criação o circulo mais vasto.  
Tu ver nos deixas da luzente aurora  
As cores, que prismático refranges  
Em teu seio diaphano; e que lostentas

Dos objectos na face assaz distinctas,  
 Phenomenos da Luz tu desenvolves,  
 Que esconde o seio teu, e os meteoros,  
 Que no meio da noite aos olhos brilham!  
 Da vista o alcance athé aos astros levas,  
 Se te não turbão nebulosas sombras,  
 Mas se as scenas descobres do universo,  
 Que os órgãos visuaes enchem de assombro,  
 Tambem sustentas a illusão das cores,  
 Que em teu seio envernisa a pompa esteril  
 D'hum Luxo, que perverte a vista, a mente,  
 Que a Razão, que o bom senso alto condemnão,  
 E leis severas corrigir devião.

Porem tua melhor prerogativa  
 Jaz n'acsão, com que es sons propagas fazes,  
 Tu, he verdade, que os mortaes assustas,  
 Quando subito estrondo de ruina,  
 Ou de rijo trovão teu seio abala,  
 As fortes vibraçoens, que soffre o ouvido,  
 O tympano aturdindo a dor produzem,  
 Mas d'harmonia os magicos encantos,  
 Que existencia sem ti nunca terião,  
 O mais puro deleite, o melhor toque,  
 Levão suavemente ao fundo da alma.

Filha Augusta dos Ceos, Musica excelsa,  
 A' terra tu descendo afortunaste,  
 Os miseros mortaes, não por lhes dares  
 Coragem marcial, virtude austera,  
 Com que inimigos, com que a dor subjugas;  
 Mas emprego moral do pensamento,  
 Tu das paixões a lucta harmonisando,  
 Da sordida Luxuria o fogo apagas.

E os caminhos franquos á ternura.  
 Assombros da Arte! Mestres da harmonia!  
 Vós, sublime Mozart, Bointempo illustre,  
 Que da Muzica sacra abrindo as fontes,  
 A delicia dos Ceos á terra destes  
 Eu vos saúdo. Grata a humanidade  
 Vossos talentos honra, que trouxerão  
 Aos sentidos, prazeres que os melhorão.  
 A' moral, sentimentos que a refinação.  
 Util por isso, e mesmo de alto preço  
 Para a privada, e publica saude.  
 Entre os sons, que fornece este ar ambiente,  
 Nenhuns de mais valor, mais importantes  
 Que os sons articulados, — a Palavra  
 Esse dom concedido á prole humana,  
 Canal de pensamentos, e de ideas,  
 Invisivel cadea entre dous mundos  
 O physico, e moral — Nexo estupendo  
 Do tempo, e Eternidade — Imagem pura  
 Da Palavra increada — Excelsa base  
 Para a conversação, grato commercio  
 Dos seres racionaes. Fecunda origem  
 Da eloquencia, que brilha, e que triumphava  
 No pulpito, theatro, e na tribuna.  
 Doce conversação, tu, se te animão  
 Dictos argutos, placidos gracejos,  
 Se versas sobre tudo sobre assumptos  
 De interesse geral, de eterno importe,  
 Ou se no terno seio da amizade  
 Derramas mutuamente occultas penas,  
 O mais gostoso emprego és da palavra.  
 Se ao contrario maledicas sussurro

Grosseiras expressões, phrases obscenas,  
 Se os convícios da Crapula, as torpezas  
 Da Licença brutal se dezfreado;  
 Cumpre á Policia austera o reprimido  
 Para evitar o insulto aos sãos costumes,  
 Não ferir de decoro a sanctidade,  
 E a paz manter, de que a saúde pende.  
 O estudo da palavra indispensavel  
 He por tanto aos vociferos humanos,  
 He preciso saber-se o mecanismo  
 Da sua construcção. — Cumpre estende-la  
 Por meio da cultura, e das sciencias,  
 Para que ella apresente esses prodigios  
 Que exhibirão n. outrora Athenas, Roma,  
 Quando o som de huma vaia, o som do pranto  
 Fazião fugir vícios vergonhosos,  
 E virtudes medrar. — Quando a energia  
 Da palavra vencendo inimigas hostes,  
 Creando imperios, dava leis ao mundo  
 Sem palavra, inda bruta a espécie humana  
 Vagaría por ermos, pelo mato,  
 Mas a Lyra de Orpheu movendo as pedras,  
 As arvores trazendo, era alto emblema  
 Dos encantos vocaes, cuja influencia  
 Cultivou brenhas, e fundou cidades,  
 Onde mui cedo teve Hygia altares,  
 Que os primeiros mortaes, que ergueião tectos,  
 Em social ligame, Leis fazendo  
 A bem dos povos, nunca se esquecerão  
 Da publica saúde; e assim logares  
 Elevados, ou planos escolherão,  
 Onde se respirasse ar sempre puro.

Cheia a primeira condição da vida  
 No livre respirar de ares sadios,  
 Cuidou-se logo no alimento proprio  
 Da animal nutrição.—Vendo-se o leite  
 Proprio sustento ser da infancia terra,  
 Os primeiros humanos se nutrirão  
 De substancias, que analogas julgarão  
 Nos fructos, vegetaes, nos farinaceos  
 Que espontaneo o terreno lhes prestava.  
 Ensinados tambem da experiencia  
 Que animaes innocentes immolados  
 Nas aras, salutar sustento davão,  
 Não temerão comelos.—Igualmente  
 Forneceo-lhes o peixe a analogia  
 Assim por longe tempo a cassa, a pesca  
 Tribus errantes sustentar poderão.—  
 Mas a prole creceo. Foi necessario  
 Em bandos dividi-la, e dar-lhe alvergue.  
 Em central união formando hum corpo  
 No equilibrio ella então se entreajudava.  
 Era tudo de todos.—Mas a terra  
 Sustentar não podendo a grande chusma,  
 Que arrebanhada ja se corrompia,  
 Foi cultivada; repartio-se o campo;  
 E posse desigual marcos fixando,  
 Os trabalhos ruraes nascer fizeram  
 O contestado juz da propriedade.  
 Então governos paternaes se virão  
 Sustentar este juz na prisca idade.  
 Mas crescendo em poder do povo os chefes  
 Deste direito prestes se esquecerão  
 Dando a hum filho dilecto o que era d'outro;

E os povos tolerando estes abuzos  
 Por habito constante ás Leis submissos  
 Derão lugar ao Despotismo insano  
 A que empulgasse logo este direito  
 Mas a oppressão a reacção trazendo  
 Nas ruínas da extincta Tyrania  
 Foi levantado o fraternal governo,  
 Que não pode durar. — Mostrado havia  
 Mui cedo a natureza a incompetencia  
 De hum tal systema pela triste sorte  
 De não ser dos irmaons perfeito o acordo,  
 Pois nunca, ou raras vezes se combinão  
 E desta falta de união, do innato  
 Capricho da ignorancia o septro houverão  
 A dolosa, fallaz Democracia  
 O desabrido, insano Despotismo,  
 As duas pestes. — o peor flagello  
 Que fere a humana gente. — Assalta os povos  
 Da febre democratica o delirio  
 E então os males d'anarquia surgem.  
 De outro lado, a ambição dentro em seu seio  
 Creando o despotismo empolga o throno,  
 O sangue das nações avida esgota  
 Vidas extingue, e solitaria reinana  
 Decidir não se pode entre os dous males  
 Qual delles he peor. — De ambos a temprança  
 Dos povos á saude he sempre adversa.  
 Prudencia então aconselhou, que hum pacto  
 Entre os filhos, e os paes formado fosse,  
 Que poderes reciprocos ligassem  
 Sem que d'elles nenhum se interrompesse  
 E fez-se d'ambos hum governo mixto

Que representativo foi chamado,  
 O qual sendo composto d'elementos  
 Contrarios entre si, segue na marcha  
 O meio termo, em que a justiça reina.  
 Semelhante ao batel, que oppostas forças  
 Arrastão mutuamente, e que não segue  
 Huma nem outra; mas forçado ao rumo  
 Descreve a diagonal, que avante o leva.  
 Assim todo o governo equilibrado  
 Na reacção de partes oppositas  
 Quaes são Democracia, e Despotismo,  
 He melhor, he mais apto a reger homens  
 E a conservar a publica saude.  
 Se os filhos dão hum pacto, e os paes o cumprem  
 Por mutua convenção para socego  
 Da familia, por base a segurança,  
 Orgãos para sustela ambos trazendo,  
 Se os limites prescriptos nenhum passa;  
 Tem da ventura social na escala  
 Da humana perfeição tocado a meta.  
 Mas pouco importão Leis, que os homens formão  
 Se ás Leis da natureza não se ajustão,  
 Se os decretos de Hygia não respeitão,  
 Da Deuza da saude exige o culto  
 Ar puro, e livre; salutar comida,  
 Mas que ar puro respira hum ser, que vive  
 Em fetidas masmorras, e enxovias,  
 Onde geme a Innocencia apar do crime  
 Por aieve arrancada aos proprios lares  
 A' luz do dia, aos caros seos parentes?  
 Que saudavel comida alcançar pode  
 A indigencia da misera orphandade



De familias sem pão, que o cego Arbitrio  
 Deixara sem soccorro? O mercenario,  
 A quem o pezo do trabalho opprime,  
 Que saude ter pode se lhe falta  
 O precizo sustento? — Eis infortunios  
 Que traz sempre o Dispotico governo,  
 O ferox Democratico reinado,  
 Da raça humana barbaros verdugos.

Oh filhos de Esculápio infatigaveis  
 Na indagação da cura das molestias,  
 Que remedio dareis aquelles males  
 Que zombão pelo excesso, ou pelo abuzo,  
 Das conhecidas Leis da natureza?  
 Huma revolução, hum terramoto  
 Não se pode evitar — pode prever-se  
 E os seus effeitos minorar-se muito,  
 Se prudentes cautellas se hão disposto.  
 Mas deixar-se arrastar pela torrente  
 Que estes males traz sempre, he triste prova  
 Da inepecia humana. — Corregir deve esta  
 Somente a educação. — Conhecer devem  
 Mui cedo os povos ( todos nascem brancos )  
 Quaes seus deveres são, seus interesses,  
 Seu estado melhor. Cumpre educalos,  
 De outra maneira ficarão privados  
 Dos bens, que lhes cencede a natureza.  
 Da prompta educação, que a todos toca,  
 Os principios na infancia estão prescriptos  
 Resta agora a seu termô encaminhalos.  
 A physica existencia apenas cessa,  
 Principia a moral — Mais do que tudo  
 O ente racional saber precisa

(Bem como aqui saber-se as cousas podem)  
 Qual sua origem, qual seu fim ser deve.—  
 Eis da Religião preciso o ensino;  
 Eis o dictado da Razão primeiro.  
 Os parentes, os mestres a quem toca  
 Ensinar tal principio á mocidade  
 Prudentes devem ser, e esclarecidos  
 Para não fornecer-lhe erros contrarios  
 A' natura, á Razão, e á experiência.  
 Da moral nisto as bases só se fundão.  
 E não nas pertencçoens, na extravagancia,  
 Nos sonhos da scientifica impièdade. —  
 Convem depois saber, qualquer que seja  
 O estado, a profissão, arte, ou sciencia,  
 Todo seu fundamento, e seus progressos. —  
 Sobre tudo convem mui cedo ás lidas  
 Acostumar do campo a mocidade —  
 A cultura da terra; he mãe da vida,  
 Berço da robustez, e da saúde,  
 Fonte de bens, esteio de virtudes,  
 Dos estados por isso a melhor base.  
 Da gregaria impulsão, do nobre instincto  
 Da sympathia natural effeito,  
 A humana sociedade origem teve. —  
 Em povoado os homens se ajuntarão,  
 Choça, cabana, aldea, e casaes forão  
 Seu alvergue primeiro; e depois villas  
 Se erguerão, e cidades populosas.  
 Em mutua prestação se unirão todos.  
 Porem saúde, e força erão do campo,  
 Por isso nelle dos mortaes primeiros  
 Foi ditoso o viver; — e se ainda ha dita

He viver longe do tumulto insano  
 Das cegas multidões, que ultrapassando  
 Os termos da modestia, e singeleza  
 Se irritão, se atropelão, se espedação,  
 E todo o pacto social rasgando  
 As firmes bazes da moral derrubão.

He pela falta do preciso estudo  
 Da educação geral, que isto acontece.  
 Culpa desta inacção jaz nos Governos,  
 Que nescios de seus proprios interesses  
 Nos erros da ignorancia a chusma deixão, —  
 He certo, que vastissimos recintos  
 De mui grandes cidades, onde os homens  
 Ignotos passeando se accumulão  
 Receptaculos são da peste immunda  
 Que a humana Corrupção cedo propaga. —  
 Em politica berço são de horrores  
 Que a licença produz, e ás leis de Hygia  
 Habitações adversas, que devião  
 Ser thé aos fundamentos arrazadas. —

Oh torre de Babel, mystico emblema  
 Das grandes capitaes! se humano orgulho  
 Pertende accumular n'hum só recinto  
 De hum povo immenso as monstruosas massas;  
 Se tende a levantar com regia pompa  
 Monumentos de luxo, e de vaidade,  
 Deste mal corregir cumpre os excessos  
 Com outro mal menor. — Ter, por exemplo,  
 Deve hum povo corrupto, e luxuario  
 A verdade em romances, pois affeito  
 A grandiloquo estillo, não suporta  
 As baixas vozes da vulgar linguagem. —

Tambem vastas Metropoles carecem  
 Espectaculos grandes, e lustrosos  
 Que assombrem a visão, mas que a não ceguem;  
 Que devessem sobre a scena apresentar-se;  
 Onde a lingua nativa inspirar deve  
 O amor da patria nos paineis que ostenta.  
 Em toda a parte o publico theatro  
 Escola da moral mais proveitosa,  
 E propria á educação d'hum grande povo,  
 (Pois que ao prazer ajunta a utilidade,)  
 Foi sempre destinado ao nobre emprego  
 De extinguir vicios, e plantar virtudes  
 Segundo a precisão, que ha nos estados.—

Cidades pois de modica grandeza  
 Donde o ocio, a pobreza se desterrem;  
 Onde a Justiça forme a authoridade,  
 E todos se conheçam, se saudem,  
 Ser azilo so podem dos costumes,  
 Das sublimes virtudes d'Amizade.—  
 Os homens de montão nunca se unirão  
 Cumpre apartalos para se ajuntarem.  
 He de homem para homem pestillente  
 Ar, que se expira, pois ja vem corrupto,  
 Assim nos templos, e nas grandes salas  
 De gente accumulada havendo aperto  
 Pela falta do ar puro asphycias vemos.  
 Por isso empece a physica alherencia  
 Faz mais doce união o afastamento.—

Nas grandes ilhas pouco povoadas  
 Sobre as vastas campinas os que habitão  
 Legoas distantes chamão-se visinhos  
 No entanto, que em Metropoles extensas

Não se conhecem os do mesmo alvergue.  
 Não tem facil concurso as amizades  
 Nem prompto alivio a publica saude. —  
 Oh de Lisboa illustres senadores  
 Juncta municipal, que da cidade  
 Tendes a vosso cargo a economia ;  
 Vos porieis o termo á vossa empresa  
 Na melhora dos planos, que adoptastes  
 Se das cazas regrando o alinhamento  
 Nos largos todos arvores plantando,  
 Ruas abrindo, desfazendo becos,  
 Lamas varrendo, e de immundicie entulhos,  
 Da noite afugentando a escuridade  
 Dos vastos Lampioens pelo reflexo  
 Cannos para a Limpeza construisseis,  
 E aguas trouxesseis do paterno rio,  
 Que todas as moradas abastassem.  
 Esta obra salutar difficil hoje  
 De meios pela falta, e não de braços  
 Que bom fora empregar nesses trabalhos,  
 Não he com vosso gosto incompativel ;  
 Creio bem, que ousareis fazela hum dia.  
 O vosso patriotismo está provado.  
 E então a Lusa Capital na Europa  
 Será dentre as cidades a primeira  
 Em gosto, em formosura, em puros ares  
 Porem não basta a esplendida apparencia  
 De huma cidade extensa, e populosa  
 He preciso velar sobre os costumes  
 Dos habitantes seus. — Não permitir-lhes  
 O esteril uzo de estrangeiros fardos,  
 Suffocar-lhes a pessima tendencia  
 De imitar servilmente estranhas modas.

Hum luxo corruptor gravar de impostos,  
 Ou mesmo hum pragmatice dictar-lhes.  
 Fóra do reino minorar despesas,  
 Nos proprios lares promover a industria,  
 E alli ninguem soffrer que não trabalhe.  
 Geral occupação traz da saude  
 Traz dos bens o prazer, e os elementos,  
 Eis aqui pois desenredado o enigma  
 Que a politica esconde aos homens cegos,  
 Ou que historicos quadros ver não querem —  
 Quem não trabalha he pobre, e deve sefo;  
 Pois que ataca hum lei, que impoz a todos  
 A natureza, o Ceo, e a mesma Hygia.  
 A lei de procurar com seu trabalho  
 Com o suor do seu rosto o pão da vida,  
 O trabalho por tanto indispensavel  
 Se torna a todo o ser, cujos direitos  
 N'hum tribu de irmãos mutuos se tornão.  
 O trabalho porem mais necessario  
 (Não cessarei jámais de repetilo)  
 O trabalho he do campo — as mãos, que a relha  
 Trazem do arado; o throno, e ss leis sustentão;  
 Pois se inimigos debellar precizão,  
 Se convertem da patria em defensores.  
 Assim honrar aquellas mãos se devem,  
 Como as que o leme regem dos estados.  
 Não se exaggerão rusticas fadidas,  
 So porque trazem pão, mas porque firmão  
 As bases da moral firmando o corpo,  
 Que extranho fica aos vicios da molleza.  
 Civicas lidas, que tambem concorrem  
 Para o publico bem, são de alto preço;

Ou mechanicas artes se appellidem  
 Ou bellas artes, e sciencias uteis.  
 As mechanicas artes são precizas  
 Para o bem, para os commodos da vida,  
 E as bellas artes dando ismalte ás obras  
 De tosca natureza, apresentando  
 Da belleza ideal ricos modellos,  
 Adoçando das brenhas a rudeza  
 Da civilização o typo mostrão,  
 E a esphera, e o gozo da existencia augmentão.

Sobre tudo as sciencias ajudando  
 As lidas da Lavqura, e as artes todas,  
 Não so o mundo physico auxilião,  
 Mas erros dissipando, e vicios torpes  
 Do moral o concerto aperfeição,  
 E as fracas bases da saude esteião.—

Governo pois, que não portege as Artes, mas  
 Que as sciencias despreza, ou que as protege,  
 So por ouvir dizer, refugo he triste,  
 Escoria vil de toda a authorityde,  
 Que objecto de irrizão mui cedo excita  
 Da humana sóciada a antipathia,  
 Governo tal despotico na essencia  
 Por principios ignaro, he quando muito  
 De Canibaes so proprio, ou de incensatos,  
 Pois que direi dos vãos Legisladores,  
 Que não sabendo as Leis, que os orbes regem,  
 Se atrevem a formar Leis repugnantes  
 C'o systema do mundo? — E quando saibão  
 Que o baixel pelo mar corre impellido  
 De oppostos elementos, cuja lucta  
 De qualquer lado quando afrouxar, ou cesse

Elle vaga sem rumo, e vai quebrar-se ;  
 Como proclamação Leis, que a náu do Estado  
 Precepitão no abismo, ou despedação,  
 E da patria interesses, e os seus frustrão ?

Dos povos desligando o soberano  
 Destruindo a união dos dous poderes  
 Elles correm sem tino a sepultar-se  
 No horror do Despotismo, ou da Anarquia,  
 E revoltando contra os paes os filhos,  
 E os irmãos contra irmãos, o facho ccendem  
 Da civil guerra, que as nações dessola

Oh vós nacionaes legisladores  
 Aquem dirijo agora estes accentos  
 Da celeste verdade á vóz dictados,  
 ( Com profunda attenção vos cumpre ouvilos, )  
 Sabei, que huma Nação não póde unir-se  
 Sem hum ponto central, que as leis lhe firme  
 Que lhe sustente o jus, os bens, e a gloria.

Este ponto central não jaz na força  
 De armas que sustentar as Leis só devem  
 Porem nunca dictalas. — Esse abuso  
 De internas convulsões he sempre origem  
 Este ponto central só jaz no throno  
 Que legitimo reina; e justo, e firme  
 No hem geral o poder summo exerce.  
 E não esse, que veste os atavios  
 De huma esteril, e frivola nobreza,  
 Titulos vãos de orgulho, e falso lustre. —  
 A nobreza não se herda, so se imita.  
 Não he como a fortuna, que os paes deixão  
 Aos filhos por herança. — Mas d'aquella  
 Que o mérito assignala, e que o proveito



Geral gradua. — A verdadeira gloria  
Esta he do throno, que honra tal nobreza.

Por tanto hum Soberano rodeado  
De huma brava Nação, bem que pequena,  
Della amado, he maior, tem mais nobreza  
Que a corte futil de hum potente imperio.  
Não posso acreditar, que estes principios  
Queiraes abandonar rompendo o nexo  
Que existe entre os regidos, e o regente. —  
Vós tendes a guiar para a ventura  
Que entre as cultas nações tambem lhe cabe  
Huma Nação briosa, e razoavel  
Assim nas vossas discussões lembrai-vos.

*Que o pão diario fructo he do trabalho  
Que na industria consiste a independencia,  
Que he das almas conforto a tolerancia,  
Que está na liberdade o bem da vidu,  
Que a lei funda o poder, justiça o throno.*  
Taes principios sustendo, erguereis aras  
A' sciencia, á virtude; e calabouços  
Aos vicios abrireis, e a sepultura. —  
A especie humana he fragil por essencia  
A carne inferna, e tende a corromper-se,  
Cumpre curala. — Vóis sereis por isso  
Os verdadeiros medicos do Estado,  
E de Hygia em Ministros convertidos  
Mantereis a saude, e o bem dos povos;  
Se de outra sorte obraes, victima infausta  
De cegueira fatal, de insano orgulho  
Tornareis as nações e os individuos. —

Disse a Deuza, e cobrindo o sanctuario  
Com veo sombrio, fechar manda o templo:

Eu saio — trago impressas na memoria  
De Hygia as vozes. Fico absorto e espero  
De mim, do meu paiz ver claro a sorte. —

FIM.

11 JU 68







